

Elysium nas alturas e o inferno na Terra

Elysium on high and hell on Earth

Artur Renato Ortega¹

Resumo

O filme *Elysium* (2013), dirigido por Neill Blomkamp, apresenta uma narrativa distópica ambientada em 2154, em que a humanidade está dividida entre dois mundos contrastantes: a Terra, devastada e superpovoada, e Elysium, uma estação espacial utópica onde a elite vive em luxo e perfeição. O filme aborda diversas temáticas religiosas ao longo de sua narrativa, explorando conceitos como justiça divina, desigualdade social, sofrimento contínuo e redenção. O objetivo deste artigo é analisar como *Elysium* reflete esses conceitos através de suas metáforas visuais e narrativas, discutindo como o filme utiliza a dicotomia entre a Terra e Elysium. Para tanto, recorre-se para as três áreas do conhecimento que se considera essenciais para a compreensão do uso que o cinema faz da religião: os próprios filmes, as características religiosas que neles aparecem e as preocupações culturais que abordam. Assim, a análise busca revelar como o filme critica a desigualdade social contemporânea e questiona a moralidade de uma utopia que exclui a maioria da humanidade. Por fim, o filme utiliza o simbolismo religioso e uma estética cuidadosamente construída para reforçar suas mensagens sobre desigualdade, sacrifício e a busca por salvação, criando uma narrativa que ressoa com profundidade espiritual e social.

Palavras-chave

Religião. Cinema. Elysium. Céu. Inferno.

Abstract

The film *Elysium* (2013), directed by Neill Blomkamp, presents a dystopian narrative set in 2154, in which humanity is divided between two contrasting worlds: the devastated and overpopulated Earth, and Elysium, a utopian space station where the elite live in luxury and perfection. The film addresses several religious themes throughout its narrative, exploring concepts such as divine justice, social inequality, continuous suffering and redemption. The objective of this article is to analyze how *Elysium* reflects these concepts through its visual and narrative metaphors, discussing how the film uses the dichotomy between Earth and Elysium. For that, we turn to the three areas of knowledge that are considered essential for understanding the use that cinema makes of religion: the films themselves, the religious characteristics that appear in them and the cultural concerns they address. Thus, the analysis seeks to reveal how the film criticizes contemporary social inequality and questions the morality of a utopia that excludes the majority of humanity. Ultimately, the film uses religious symbolism and a carefully constructed aesthetic to reinforce its messages about inequality, sacrifice, and the search for salvation, creating a narrative that resonates with spiritual and social depth.

Keywords

Religion. Cinema. Elysium. Heaven. Hell.

INTRODUÇÃO

O cinema tem se mostrado um meio eficaz para expressar e explorar temas religiosos, não apenas de maneira direta, mas também através de alegorias, metáforas e simbologia. Filmes como *Matrix* e *Blade Runner* são exemplos clássicos de como a ficção científica pode ser usada para

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPR. Contato: artur.ortega@ufpr.br.

discutir questões religiosas, filosóficas e existenciais. *Elysium* (2013), dirigido por Neill Blomkamp, segue essa tradição ao representar a Terra como um inferno terreno e a estação espacial homônima como um paraíso inalcançável, convidando o espectador a refletir sobre o papel da religião e da moralidade em um contexto futurista e distópico, onde a tecnologia e a sociedade se entrelaçam de maneiras complexas.

Ao explorar temas como a justiça divina, a desigualdade social, o sofrimento contínuo e a redenção, o filme oferece uma história rica para o estudo de religião no cinema. A análise² realizada aqui busca demonstrar como Blomkamp utiliza o contraste entre a Terra e *Elysium* para questionar as noções de paraíso, inferno e salvação, e como esses conceitos são aplicados à realidade contemporânea. A relevância deste estudo reside na capacidade do cinema de abrir diálogos sobre questões espirituais e morais, utilizando a ficção científica como um espelho para as ansiedades e esperanças humanas.

Ambientado no ano de 2154, *Elysium* apresenta uma Terra devastada e superpovoada, onde a maioria da humanidade vive em condições de extrema pobreza, sujeita a doenças, violência e opressão. Enquanto isso, a elite abastada vive em *Elysium*, uma estação espacial de alta tecnologia que orbita a Terra. Em *Elysium*, seus habitantes desfrutam de um paraíso de luxo, longe dos problemas do planeta. Eles têm acesso a recursos médicos avançados que curam instantaneamente qualquer doença e prolongam indefinidamente a vida, criando uma sociedade imortal e perfeita.

Logo na abertura do filme, os espectadores são informados de que “os habitantes mais ricos da Terra fugiram do planeta para preservar seu modo de vida” (*Elysium*, 2013). O filme, então, torna a divisão de classes enrijecida do capitalismo como uma metáfora espacial global, com trabalhadores imóveis olhando para cima, para *Elysium*, para a classe proprietária. Não há mobilidade nesse sistema mundial; os trabalhadores estão fisicamente confinados à Terra e condenados a realizar trabalhos exploratórios em corporações controladas pela elite de *Elysium* (Mirrlees; Pedersen, 2016). Blomkamp (Time Out, 2013) confirma essa ideia ao ser questionado se a sua criação em Joanesburgo influenciou o filme.

Muito. Não há dúvida de que a maneira como Joanesburgo opera é o que me interessou pela ideia de discrepância de riqueza. *Elysium* poderia ser uma metáfora para Jo'burg, mas também é uma metáfora para o terceiro mundo e o

² A análise cinematográfica parte da seguinte proposição: todo filme é um texto, de que se deduz que para analisá-lo ele será lido como um texto. Esse tipo de análise é decorrente da vertente estruturalista de inspiração linguística dos anos 1960/1970 e tem como objetivo decompor um filme dando conta da estrutura do mesmo (Penafria, 2009). Como confirma Mariño (2008, p. 177), a análise textual é dividida em três níveis: entender (significado literal), interpretar (significado implícito) e explicar (estruturar e revelar o significado). Desse modo, quando se analisa um filme, o objetivo é identificar os significados que podem ser extraídos da obra. Isso não significa que os filmes tenham necessariamente um significado oculto, mas sim que nem todo o conteúdo é revelado de imediato ao espectador. Por isso, é necessário explorar mais profundamente o filme para descobrir e organizar esses significados, selecionando momentos-chave para essa construção interpretativa.

primeiro mundo. E na ficção científica, a separação de riqueza é uma ideia realmente interessante para se mexer (Time Out, 2013, tradução nossa).³

Essa divisão social entre ricos e pobres reflete as críticas de Marx e Engels (2012) à estrutura capitalista, em que a sociedade é marcada pela luta de classes. No capitalismo, há uma separação entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores, que dependem de salários para sobreviver. Essa relação, embora pareça *igual* na troca entre empregador e empregado, resulta em desigualdade, pois os trabalhadores vendem sua força de trabalho em troca de salários, mas são explorados para enriquecer os proprietários. A exploração da força de trabalho, na visão de Marx e Engels, reproduz a desigualdade social e mantém a classe trabalhadora em uma posição subalterna.

Além disso, o capitalismo gera a alienação dos trabalhadores, que, ao dependerem dos salários, tornam-se subjugados aos interesses da classe dominante. Esse processo de alienação ocorre porque, embora os trabalhadores possuam grande potencial criativo, eles são transformados em meras ferramentas de produção, sem controle sobre o produto de seu trabalho, o que impede sua autorrealização.

É nessa situação que o filme introduz o protagonista Max da Costa (Matt Damon), um operário e ex-criminoso, que vive nos subúrbios arruinados de Los Angeles. O filme o mostra acordando, vestindo seu uniforme de trabalho e caminhando de sua casa deteriorada até um ponto de ônibus superlotado. Durante o trajeto, Max é ridicularizado por membros da classe marginalizada por ter que acordar cedo para trabalhar na fábrica e é cercado por crianças pedindo dinheiro, o que reforça a disparidade social e as condições de vida precárias enfrentadas pelos mais pobres (Elysium, 2013).

Após sofrer um acidente de trabalho que o deixa exposto a uma dose letal de radiação, Max descobre que tem apenas cinco dias de vida. Desesperado para se salvar, ele decide tentar alcançar Elysium, onde os dispositivos médicos podem curá-lo. Max procura a ajuda de Spider (Wagner Moura), um contrabandista e líder da resistência, que concorda em ajudá-lo, mas com uma condição: Max deve sequestrar informações valiosas de um executivo de uma corporação que pode derrubar o sistema opressor que mantém a desigualdade entre Elysium e a Terra.

A principal antagonista é a secretária de Defesa de Elysium, Rhodes Delacourt (Jodie Foster), que está disposta a fazer qualquer coisa para manter o *status quo* e proteger a elite de Elysium. Ela autoriza o uso de Kruger (Sharlto Copley), um agente mercenário brutal, para impedir qualquer ameaça ao seu domínio, incluindo Max. À medida que Max luta para alcançar Elysium, ele se envolve em um conflito maior que coloca em jogo não apenas sua vida, mas também o futuro de milhões de pessoas na Terra.

³ “A lot. There’s no question that how Johannesburg operates is what made me interested in the idea of wealth discrepancy. *Elysium* could be a metaphor for just Jo’burg, but it’s also a metaphor for the third world and the first world. And in science fiction, separation of wealth is a really interesting idea to mess with” (Time Out, 2013).

Ao longo do filme, Max enfrenta dilemas morais e físicos, lutando contra as forças opressivas de Elysium enquanto tenta manter sua humanidade e proteger aqueles que ama, como sua amiga de infância, Frey (Alice Braga), e a filha dela, que está gravemente doente. A trama culmina em um confronto final entre Max e Kruger em Elysium, em que decisões cruciais são tomadas que podem mudar o destino da Terra e de seus habitantes para sempre.

O filme se torna, assim, uma alegoria sobre desigualdade social, exclusão e o desejo de justiça, em que os conflitos entre os personagens refletem temas universais de luta por igualdade, sobrevivência e redenção.

1 A TERRA COMO LUGAR DE SOFRIMENTO: O INFERNO TERRENO

No filme, Blomkamp constrói uma representação distópica da Terra que ressoa profundamente com a concepção tradicional de inferno presente em diversas tradições religiosas, especialmente na teologia cristã. Essa analogia é estabelecida através da ambientação, das condições de vida dos habitantes terrestres e das experiências de sofrimento e desesperança que permeiam a narrativa.

A ambientação da Terra é marcada por uma desolação profunda e uma degradação ambiental extrema. O planeta é retratado como superpovoado, poluído e com os recursos naturais esgotados, criando um ambiente hostil e insalubre para seus habitantes. A atmosfera é opressiva, com paisagens urbanas decadentes e infraestruturas em ruínas, evocando imagens de um mundo em colapso.

Em uma entrevista para a *Digital Trends* (Kelly, 2013), Blomkamp compartilha sua visão sobre o futuro, prevendo o surgimento global de bolsões de pobreza dentro de 40 a 50 anos. Segundo ele, o crescimento populacional contínuo está tornando cada vez mais difícil fornecer alimentos e água para todos, o que pode levar a um cenário semelhante ao retratado no filme, em que os recursos são controlados por uma minoria que busca garantir sua própria sobrevivência. Nessa visão, as áreas urbanas são protegidas por muros e cercas, enquanto a maioria da população vive em subúrbios, com a classe média desaparecendo e a pobreza extrema predominando.

A cidade de Los Angeles é apresentada como radicalmente transformada pela superpopulação e extrema pobreza. Conforme a Imagine Engine (2013), empresa responsável pelo projeto e conceituação do espaço no filme, foram realizadas extensas pesquisas sobre o futuro do planejamento urbano para garantir realismo na representação de Los Angeles do futuro. Essas pesquisas forneceram uma visão geral da ambiência urbana atual e futura, orientando as mudanças no filme de forma realista e plausível. A ideia era retratar a essência da cidade atual como uma favela superlotada, mantendo a concepção de grandes torres (uma cidade aérea) sustentadas por seus habitantes permanentes. O resultado é um labirinto de pontes, construções clandestinas e múltiplos níveis, como mostra a figura 1.

FIGURA 1 – CIDADE DE LOS ANGELES



Fonte: Frame do filme Elysium.

Blomkamp utiliza uma série de elementos visuais e simbólicos para intensificar a associação da Terra com o inferno, sendo os principais: o uso de tons escuros, ambientes claustrofóbicos e cenas de violência e desespero. Além disso, a presença constante de máquinas e tecnologias opressivas pode ser interpretada como uma desumanização do ambiente, reforçando a ideia de perda de alma e identidade. O sofrimento físico e emocional dos personagens é destacado através de cenas intensas que ilustram a dor e a luta pela sobrevivência, solidificando a representação da Terra como um lugar de tormento contínuo.

Essa representação visual alinha-se com descrições infernais que frequentemente incluem elementos de desolação, fogo, destruição e ambientes inóspitos, simbolizando punição e sofrimento eterno (Agostinho, 2017b). A imagem do inferno descrita por Dante Alighieri, em sua obra *A divina comédia*, talvez seja uma das mais conhecidas. Logo na porta de entrada do inferno, no canto III, Dante é guiado pelo poeta romano Virgílio:

[...] que chegando ora estamos ao conspecto das tristes gentes das quais já te disse que têm perdido o bem do intelecto. Depois, na sua tomando com meiguice minha mão, com o que me confortei, fez que no umbral secreto eu o seguisse. Gritos, suspiros, prantos lá encontrei que ecoavam no espaço sem estrelas, pelo que no começo até chorei. Diversas línguas, hórridas querelas, brados de mágoa, irrupções de ira com estalar de mãos em suas seqüelas, formavam um tumulto que regira, no intemporal negrume, sem parada, qual turbilhão que areia em torno atira. E eu, co' a cabeça já de horror tomada: “que gente essa é”, indaguei, “nesse clamor, que parece em sua dor tão derrotada?”. E ele: “as almas que vês nesse amargor, são dos que têm no mundo – e ora deploram – vivido sem infâmia e sem louvor” (Alighieri, 1998, p. 37).

Os habitantes da Terra enfrentam condições de vida extremamente precárias, caracterizadas por pobreza extrema, falta de acesso a cuidados de saúde, violência e exploração laboral. O protagonista, Max, exemplifica esse sofrimento cotidiano ao trabalhar em condições perigosas e insalubres, sem perspectivas de melhoria de vida ou justiça social. Nesse estado

Elysium nas alturas e o inferno na Terra

constante de sofrimento e desesperança é que se espelha a concepção do inferno como um lugar de tormento e ausência de alívio. Além disso, a estratificação social extrema entre os que vivem na Terra e os que habitam Elysium reforça a ideia de punição e exclusão, em que a maioria é condenada a uma existência de miséria enquanto uma minoria desfruta de luxo e imortalidade.

A burocracia opressiva e a violência estatal reforçam a sensação de encarceramento e desesperança, sugerindo que os terrestres estão condenados a um ciclo perpétuo de sofrimento sem possibilidade de redenção ou melhoria.

A condição infernal da Terra pode ser compreendida também como uma consequência das ações humanas, particularmente da ganância, negligência ambiental e desigualdade social exacerbada. Neste sentido, o filme oferece uma crítica ao comportamento humano e às estruturas sociais que conduziram à degradação planetária e ao sofrimento coletivo. Essa interpretação alinha-se com visões teológicas que veem o inferno não apenas como um lugar de punição divina, mas também como uma consequência direta das escolhas e ações humanas errôneas. O estado caótico e sofrido da Terra serve como um alerta sobre os perigos da irresponsabilidade coletiva e da falta de compaixão social.

A falta de oportunidades de ascensão social e a impossibilidade aparente de escapar das condições opressivas contribuem para uma atmosfera de desesperança profunda. No contexto religioso, o inferno é frequentemente associado à ausência de esperança e separação permanente do divino ou do bem supremo. Essa separação, no filme, é simbolizada pela inatingibilidade da estação espacial Elysium, que representa o paraíso inalcançável para os habitantes da Terra.

2 ELYSIUM COMO PARAÍSO: A UTOPIA (IN)ALCANÇÁVEL

Situada em uma órbita terrestre, a estação espacial Elysium é retratada como um paraíso utópico. Ela simboliza o ideal de perfeição, onde a elite vive em luxo, segurança e saúde, completamente isolada dos problemas que assolam a Terra.

Blomkamp utiliza diversos elementos visuais para reforçar a imagem de Elysium como um paraíso. A estação é apresentada com uma estética limpa, serena e quase sobrenatural, repleta de espaços verdes exuberantes, água cristalina e arquitetura moderna e imaculada. Esses elementos evocam a iconografia tradicional do Éden ou do paraíso celestial, onde a harmonia e a paz prevalecem. As imagens de jardins bem cuidados e paisagens idílicas contrastam com a sujeira e a desordem da Terra, enfatizando ainda mais a separação entre o ideal utópico da estação espacial e a realidade distópica do planeta (figura 2).

FIGURA 2 – ESTAÇÃO ESPACIAL ELYSIUM



Fonte: Frame do filme Elysium.

A beleza estonteante e perfeição absoluta do lugar, lembram as descrições tradicionais do céu ou do paraíso nas religiões monoteístas, especialmente no cristianismo. A visão de Elysium contrasta fortemente com a Terra, os raios de luz que frequentemente emanam dela, criam uma aura celestial ao redor desse espaço, quase como se fosse um Éden inatingível para a maioria dos humanos. Essa separação física e social reforça a noção de que Elysium, assim como o céu, é um lugar destinado apenas aos *eleitos* ou *merecedores*.

O nome Elysium remete ao conceito de *Campos Elísios* da mitologia grega:

O Elísio é descrito pela primeira vez por Homero em sua *Odisséia*, onde é profetizado que o herói Menelau não morrerá, mas, com o passar do tempo, será transportado pelos deuses aos Campos Elísios que ficam nos confins da terra, na margem ocidental do rio Oceanus. Este Elísio é uma terra livre de neve e do frio do inverno, refrescada pelas brisas dos riachos de Oceanus e pelo vento oeste, Bóreas. Nesta terra, onde a vida é fácil para os mortais, Rhadamanthus preside. A visão de Homero sobre o Elísio coincidiu e se confundiu com as crenças de uma região chamada Ilhas dos Abençoados, que também se acreditava estar nos confins da terra. Segundo o poeta grego Píndaro, as Ilhas (ou Ilha) dos Abençoados são inundadas pela luz do sol, e aqueles que ali residiam viviam livres de labuta. Esta terra é refrescada pela brisa e agraciada com montes de flores douradas e bosques de árvores (Giesecke, 2020, p. 390, tradução nossa)⁴.

O filme destaca exatamente isso, o acesso a estação espacial Elysium é extremamente restrito. Apenas uma pequena elite tem o privilégio de viver ali. Esse acesso exclusivo espelha a ideia de salvação limitada presente em algumas doutrinas religiosas, em que apenas um grupo

⁴ “Elysium is first described by Homer in his *Odyssey*, where it is prophesied that the hero Menelaus will not die but, in the course of time, will be conveyed by the gods to the Elysian Fields that lie at the ends of the earth, at the western edge of the river Oceanus. This Elysium is a land free from snow and winter’s cold, cooled by breezes from Oceanus’s streams and by the west wind, Boreas. In this land, where life is easy for mortals, Rhadamanthus presides. Homer’s view of Elysium coincided and became conflated with beliefs in a region called the Isles of the Blessed, which were likewise believed to lie at the edges of the earth. According to the Greek poet Pindar, the Isles (or Island) of the Blessed are flooded with the light of the sun, and those who resided there lived free of toil. This land is cooled with breezes and graced with drifts of golden flowers and groves of trees” Giesecke, 2020, p. 390).

seleto tem a possibilidade de entrar no paraíso. No filme, essa barreira é reforçada tanto por meios tecnológicos quanto militares, com a segurança de Elysium garantindo que apenas aqueles com os *meios* adequados possam chegar lá, sugerindo uma analogia com a ideia de *chaves do Reino dos Céus*. Somente aqueles que possuem o código correto podem entrar nesse paraíso, aludindo à ideia de salvação e condenação na teologia cristã (Agostinho, 2017a, 2017b; Jeremias, 1986). Essa exclusividade destaca a crítica do filme à desigualdade social e econômica, em que recursos vitais e privilégios são reservados para poucos, enquanto a maioria é deixada à margem.

A tecnologia em Elysium é central para sua representação como um paraíso. A estação oferece uma qualidade de vida perfeita, com dispositivos médicos que curam instantaneamente todas as doenças e prolongam a vida indefinidamente: as medbays. Essa utilização da tecnologia para criar um ambiente de perfeição física e mental pode ser vista como uma forma moderna de utopia, em que o progresso científico substitui a intervenção divina como o meio para alcançar o paraíso. No entanto, a dependência da tecnologia também levanta questões éticas e filosóficas sobre a artificialidade desse paraíso e as implicações de uma vida sem sofrimento, morte ou imperfeições.

O filme sugere, pois, uma crítica implícita à ideia de utopia. A perfeição é alcançada à custa do sofrimento de milhões de pessoas na Terra. A exclusão e a opressão necessárias para manter Elysium como um paraíso refletem as falhas intrínsecas na busca de uma utopia na realidade, em que a perfeição para alguns muitas vezes significa a degradação para outros. Nesse sentido, o filme questiona se um paraíso assim pode realmente ser considerado ideal ou justo, ou se é simplesmente uma fachada para a desigualdade e a injustiça.

Consequentemente, outro ponto crítico a ser destacado é que Elysium, apesar de seu exterior perfeito, não é imune aos problemas humanos. O filme sugere que, mesmo em um ambiente aparentemente perfeito, as falhas humanas – como ganância, medo e opressão – persistem. Isso levanta a questão de se o verdadeiro paraíso pode realmente ser criado por seres humanos ou se qualquer tentativa de construir uma utopia será inevitavelmente corrompida pela natureza humana. A aparente paz e perfeição do lugar escondem um sistema injusto e opressivo, questionando a autenticidade do paraíso e sugerindo que a verdadeira felicidade e justiça podem ser impossíveis de alcançar em uma sociedade tão profundamente desigual.

3 A RELIGIÃO COMO FERRAMENTA DE CRÍTICA E ESPERANÇA

Na narrativa de Elysium, a religião não é apenas um tema para reflexão teológica, mas uma ferramenta crítica poderosa. Blomkamp utiliza elementos religiosos para desafiar as estruturas de poder e desigualdade, sugerindo que a verdadeira justiça divina seria uma redistribuição equitativa dos recursos e direitos. A utopia de Elysium, que inicialmente parece um céu inatingível, torna-se uma realidade acessível, mas apenas através da luta e do sacrifício. Aqui, a esperança não é passiva; ela exige ação, sublinhando uma mensagem de que a fé, sem obras, é morta.

Além disso, o filme sugere que a religião, ou pelo menos a espiritualidade, pode servir como uma fonte de esperança e mobilização para os oprimidos. Embora a narrativa não seja explicitamente religiosa, as alusões ao sacrifício, redenção e justiça final ressoam com o público de maneira a inspirar uma reflexão sobre como esses conceitos podem ser aplicados à luta por uma sociedade mais justa.

Nessa maneira de se pensar a articulação da religião com o cinema, considera-se que o aspecto material exibido em um filme remete para além dele, em direção a uma realidade espiritual ou transcendente. [...] Ele teria o poder de, por meio de elementos do cotidiano, apontar para uma dimensão sagrada da realidade. Na composição das cenas, no movimento da câmera, nos enquadramentos, no ritmo das cenas, no foco demorado de um detalhe... O cotidiano é revestido de um outro sentido, remetendo para além de si mesmo em direção ao que, na falta de um termo mais apropriado, denomina-se transcendente. Aliás, o termo transcendente é tomado no seu sentido mais literal. Transcendente quer dizer, simplesmente, aquilo que está além, aquilo que ultrapassa. Não, necessariamente, transcendente remete para Deus. Ele pode se referir a uma dimensão sagrada que ultrapassa o ser humano, mas se situa num plano horizontal (Pieper, 2015, p. 31).

É nesse sentido que, ao criticar a concentração de poder e riqueza nas mãos de poucos, o filme sugere uma visão quase apocalíptica de um mundo dividido entre *eleitos* e *condenados*. Ao destacar o acesso restrito à saúde como um privilégio dos ricos, *Elysium* coloca a saúde e a dignidade humanas no centro de uma batalha moral, que ressoa fortemente com debates contemporâneos sobre sistemas de saúde desiguais no mundo real, em que o tratamento adequado muitas vezes depende da classe social.

Assim, a máquina de cura em *Elysium*, que tem a capacidade de curar instantaneamente qualquer doença e reverter o envelhecimento, pode ser vista como um artefato sagrado ou uma ferramenta divina. Em muitas tradições religiosas, objetos ou tecnologias com propriedades milagrosas são considerados portadores de poder divino. A presença dessa máquina simboliza o ideal de salvação e cura que é reservado apenas para a elite, acentuando a ideia de uma bênção divina inacessível para a maioria.

Esse tema é intensificado pelo uso de símbolos religiosos, como a ideia de redenção e sacrifício. Aqui vale recordar o alerta de Grace (2009) de que muitos filmes que não têm conteúdo religioso evidente, podem ser vistos como lidando com questões que preocupam uma ou mais religiões ou como retratando um personagem que é um representante metafórico de Cristo ou outra figura religiosa.

É o caso do protagonista, Max, que assume o papel de um messias moderno, que se sacrifica para garantir que todos na Terra tenham acesso à cura. Max, como uma figura messiânica, representa a esperança de um futuro mais justo. Sua jornada, que passa de um simples operário a um herói sacrificial, ecoa a história de Jesus Cristo.

Sua trajetória em direção a *Elysium* reflete a busca espiritual e a tentativa de alcançar um estado de graça ou libertação. No cristianismo, a ideia de salvação muitas vezes envolve um

sacrifício pessoal e uma luta contra as forças do mal ou do pecado. Da mesma forma, Max enfrenta desafios extremos e faz sacrifícios significativos para alcançar um estado de bem-estar que está fora de seu alcance imediato. A transformação física de Max, ao ser fundido com um exoesqueleto metálico, pode ser interpretada como uma espécie de estigmatização, em que seu corpo é modificado e marcado para um propósito maior.

A própria estrutura narrativa do filme se assemelha a uma *via crucis*, com Max passando por diversos sofrimentos e provações em sua luta contra as forças opressivas e sua disposição para sacrificar sua vida por um bem maior. Nessa *via crucis*, seus antagonistas, Delacourt e Kruger, podem ser vistos como personificações de forças opressivas e corruptoras que se opõem à justiça e à salvação. Delacourt, como secretária de Defesa de *Elysium*, representa a manutenção do *status quo* e a exclusão dos injustamente tratados, similar às figuras de autoridade que muitas vezes são retratadas como obstáculos à justiça divina nas narrativas religiosas. Kruger, como executor violento, é uma metáfora para as forças do mal que perseguem e tentam eliminar aqueles que buscam um caminho de justiça e redenção.

Diante dessas dificuldades, a tentativa de salvar sua própria vida se torna, também, uma batalha para desafiar um sistema opressor e lutar pela justiça para os habitantes da Terra. Max assume riscos extremos e enfrenta obstáculos significativos, simbolizando um caminho de sacrifício e heroísmo.

A sua eventual morte sacrificial para dar a todos os habitantes da Terra acesso aos recursos de *Elysium* ecoa a crucificação, em que um sacrifício individual traz salvação coletiva. Uma vez que:

[a] morte e ressurreição de Jesus são entendidas como um sacrifício que expia os pecados de todos, liberta-os do seu estado pecaminoso e torna-os elegíveis para entrar no céu. [...] Porque ele é humano, Jesus pode assumir o pecado da humanidade e, por ser divino, pode distribuir a redenção desse pecado a todas as pessoas. (Flesher; Torry, 2007, p. 151, tradução nossa).⁵

O sacrifício de Max é uma clara alusão ao conceito cristão de redenção, em que através da sua morte, ele traz a salvação para os outros. No entanto, essa *salvação* não é espiritual, mas social e material, enfatizando que o filme vê a justiça social como uma forma de redenção que deve ser alcançada aqui mesmo, na Terra, não em um plano celestial.

A história de Max se torna, então, uma parábola moderna sobre a necessidade de confrontar as injustiças terrenas, utilizando a religião como uma lente através da qual podemos reimaginar o mundo como ele deveria ser.

⁵ “Jesus’ death and resurrection is understood as a sacrifice that atones for the sins of everyone, frees them from their sinful state, and makes them eligible to enter heaven. [...] Because he is human, Jesus can take on humanity’s sin, and, because he is divine, he can distribute redemption from that sin to all people.” (Flesher; Torry, 2007, p. 151).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A JUSTIÇA FINAL EM ELYSIUM

A representação da Terra como um inferno terreno não serve apenas como um pano de fundo narrativo, mas também como uma poderosa ferramenta de crítica social. Ao traçar paralelos entre o estado distópico da Terra e as realidades contemporâneas de desigualdade social, degradação ambiental e injustiça sistêmica, se abre espaço para reflexão sobre as consequências das ações humanas e as estruturas sociais existentes. Essa analogia com o inferno funciona como uma metáfora ampliada para os perigos de ignorar questões sociais críticas, enfatizando a necessidade de mudança e reforma para evitar um futuro semelhante ao retratado no filme.

O contraste marcante entre a Terra e a estação espacial Elysium é utilizado de forma eficaz para enfatizar a dualidade entre inferno e paraíso. Essa separação espacial e social espelha narrativas religiosas que distinguem claramente entre o sofrimento do inferno e a bem-aventurança do paraíso, frequentemente utilizadas para explorar temas de moralidade, justiça e salvação.

O final de Elysium oferece uma conclusão poderosa que reflete essa visão de justiça e restauração. O personagem Max, após uma série de intensos conflitos e sacrifícios pessoais, consegue acessar Elysium. Sua missão culmina em uma ação decisiva que resulta em uma reviravolta fundamental para a estrutura de poder que sustenta a desigualdade entre Elysium e a Terra. Max hackeia o sistema de controle de Elysium para transferir os dados de sua identidade para a rede, permitindo que os habitantes da Terra tenham acesso aos recursos médicos e, portanto, uma chance de cura e melhoria de vida.

Assim como em narrativas religiosas, em que o sacrifício de um indivíduo pode levar à salvação ou à restauração, o sacrifício de Max resulta em um ato de justiça e restauração para toda a humanidade (Hoekema, 1989). Nas últimas cenas a tela do sistema operacional anuncia: “novos cidadãos necessitam de cuidados médicos. Enviando socorro aéreo à Terra” (Elysium, 2013).

“Elysium é nosso!” (Elysium, 2013), grita um menino correndo. Essa ação pode ser vista como uma metáfora para a realização de uma justiça final, em que as desigualdades são corrigidas e o equilíbrio é restaurado. A transformação do sistema opressor em um sistema de cura e igualdade pode ser vista como a realização de uma justiça universal, em que todos têm a chance de alcançar a redenção e uma vida mais digna.

As observações aqui apresentadas revelam que o filme não apenas incorpora simbolismos religiosos, mas também os transforma em ferramentas de crítica social, desafiando o público a refletir sobre as injustiças presentes no mundo.

Recapitulando os principais pontos discutidos, o filme retrata a Terra como um lugar de sofrimento comparável ao inferno, enquanto Elysium, a estação espacial, é representada como um paraíso inatingível para a maioria. O personagem Max emerge como uma figura redentora, cujo sacrifício final ecoa narrativas cristãs de redenção, mas com uma ênfase única na justiça social como forma de salvação. A análise do simbolismo religioso no filme demonstrou como Blomkamp utiliza a estética e os elementos visuais para reforçar a mensagem de que a verdadeira

justiça divina está intimamente ligada à equidade e ao acesso igualitário a recursos essenciais, como a saúde.

As implicações disso para o estudo de religião e cinema são significativas. Elysium demonstra que filmes de ficção científica podem servir como veículos eficazes para explorar e questionar temas religiosos e sociais. A obra de Blomkamp sugere que a religião, quando reinterpretada no contexto da narrativa cinematográfica, pode ser uma poderosa ferramenta para criticar as injustiças do mundo real e inspirar mudanças. Para estudiosos de religião e cinema, Elysium oferece um exemplo rico de como a interseção entre esses dois campos pode produzir percepções valiosas sobre a condição humana e as estruturas de poder que moldam as vidas das pessoas. ✨

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**: parte I. Petrópolis: Vozes, 2017a.
- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**: parte II. Petrópolis: Vozes, 2017b.
- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**: inferno. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- GRACE, Pamela. **The religious film**: Christianity and the hagiopic. Singapore: Wiley-Blackwell, 2009.
- ELYSIUM. Direção: Neill Blomkamp. Produção: Media Rights Capital, QED International, Kinberg's Genre e Alphacore. Estados Unidos: TriStar Pictures, 2013. 109 min.
- FLESHER, Paul V. M.; TORRY Robert. **Film and religion**: an introduction. Nashville: Abingdon Press, 2007.
- GIESECKE, Annette. **Classical mythology A to Z**: an encyclopedia of Gods and Goddesses, heroes and heroines, nymphs, spirits, monsters, and places. Nova York: Black Dog and Leventhal Publishers, 2020.
- HOEKEMA, Anthony A. **A Bíblia e o futuro**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989.
- IMAGE ENGINE. Elysium case study. **Imagine Engine**, 9 ago. 2013. Disponível em: <https://image-engine.com/case-studies/elysium/>. Acesso em: 19 maio 2023.
- JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1986.
- KELLY, Kevin. Interview: how Neill Blomkamp reimagined L.A. as a wheel in the sky in "Elysium". **Digital Trends**, 10 ago. 2013. Disponível em: <https://www.digitaltrends.com/movies/elysium-director-neill-blomkamp-on-technology-society-and-the-dystopia-between/>. Acesso em: 19 maio 2023.
- MARIÑO, Enrique P. **El cine**: análisis y estética. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Penguin Companhia, 2012.
- MIRLEES, Tanner; PEDERSEN, Isabel. Elysium as a critical dystopia. **International Journal of Media and Cultural Politics**, Ontario, v. 12, n. 3, p. 305-322, set. 2016.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes - conceitos e metodologia(s). **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2009. BOCC. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/texts/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 17 maio 2023.

PIEPER, Frederico. **Religião e cinema**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

TIME OUT. Neill Blomkamp interview: we're disgusting organisms. **Time Out**, 22 ago. 2013. Disponível em: <https://www.timeout.com/film/neill-blomkamp-interview-were-disgusting-organisms>. Acesso em: 17 fev. 2025.

Recebido em: 01/12/2024.

Aceito em: 01/12/2025.